

O papel da frequência de uso na gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* marcadores de dúvida na fala de Florianópolis

Raquel Meister Freitag (UFSC)

Resumo

A partir da hipótese do surgimento de um sistema de marcas evidenciais no português, caracteriza-se o processo de mudança semântico-discursiva pela qual passam as formas *acho (que)* e *parece (que)* com base nos pressupostos do paradigma funcional da gramaticalização. A partir da análise quantitativa de dados da fala de Florianópolis, é delineada a trajetória da mudança de *acho – marcador de opinião* – e *parece – marcador de percepção* – a *marcadores de dúvida*, evidenciando o papel da frequência de uso.
Palavras-chave: Gramaticalização; Mudança; Frequência de uso.

Introdução

Estudos recentes, como o de Galvão (2002) e de Dall’Aglio-Hattner *et alii* (2001), apontam para a

possibilidade de surgimento de um sistema de marcas evidenciais no português brasileiro, via gramaticalização, um processo especial de mudança lingüística pelo qual itens e construções em um certo contexto lingüístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções cada vez mais gramaticais (cf. BYBEE *ET ALII*, 1994; HOPPER & TRAUGOT, 1993; HEINE *ET ALII*, 1991). Neste trabalho, analiso um recorte da trajetória do surgimento de um sistema evidencial na língua: a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)*, marcadores de opinião e percepção, respectivamente, a marcadores de dúvida.

Evidenciais são definidos por Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p. 184) como *marcadores que indicam algo sobre a fonte de informação da proposição*. Os estudos sobre evidencialidade são relativamente recentes, sem que haja consenso quanto às fronteiras desse domínio. Palmer (1986), assim como Bybee *et alii* (1995) coloca a evidencialidade junto aos julgamentos, no âmbito da modalidade epistêmica. Galvão (2002) aponta que há autores que diferenciam modalidade e evidencialidade¹, ao passo que outros reconhecem a evidencialidade como uma categoria modal que pode ou não estar se gramaticalizando².

Outra questão que Galvão (2002, p. 3) coloca é quanto à origem dos marcadores evidenciais. “A língua pode ter um sistema evidencial original ou, dependendo da necessidade comunicativa, esse sistema pode vir a se desenvolver no decorrer do tempo.” Ela apresenta a hipótese do provável desenvolvimento do sistema evidencial gramaticalizado no português do Brasil. Observe-se (1).

- (1) Vai chover
Acho que vai chover
Parece que vai chover
Diz que vai chover

Em cada uma das quatro frases de (1), o conteúdo proposicional expresso é “vai chover”. *Acho que*, *parece que* e *diz que* acrescentam ao conteúdo proposicional a origem da informação. *Acho que* é uma marca de informação direta/primeira pessoa; *parece que* é uma marca de informação indireta/comum a duas ou mais pessoas e *diz que* é uma marca de informação indireta/externa.

Para estudar a origem de marcadores evidenciais no português, assumo a perspectiva adotada por Galvão (2002). Galvão se apóia em De Haan (1997 *apud* GALVÃO 2002, grifo meu), que reconhece a “evidencialidade como uma *categoria modal* que pode ou não estar gramaticalizada nas línguas”. Segundo De Haan, os evidenciais têm as seguintes características: não são a parte principal da oração; não apresentam concordância com o falante; a evidencialidade é o seu significado primário; e não podem estar no escopo de elementos negativos.

Outro estudo que delinea a possibilidade de surgimento de marcas de origem de informação no português é o de Dall’Aglio-Hattner *et alii* (2001), para quem *diz que* e *parece que*, assim como *sei lá* e *não sei*, seriam *estratégias de descomprometimento* e passam por processo de mudança, de itens lexicais a evidenciais ou modais. Compare-se (2) e (3).

- (2) O deputado federal José Santana de Vasconcelos (PFL) prega uma grande aliança em torno do governo. *Ele DIZ QUE* o bom relacionamento entre o PFL, o PSDB e o PTB mineiros deve ser estendido ao plano federal.³
- (3) Pois é, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada... E rica, é claro. *DIZ QUE* a família dela tem muito dinheiro.⁴

As expressões destacadas em (2) e (3) são construções de verbo + complemento oracional, com a característica comum de o verbo estar cristalizado em um tempo, modo e pessoa específicos. O primeiro caso ilustra a forma lexical original, formada de sujeito + verbo + oração complemento; no segundo caso, a expressão *diz que* parece se comportar como um único item, autônomo, não mais verbo + oração complemento (cf. DALL'AGLIO-HATTNER *ET ALII*, 2001).

Processo semelhante ocorre com *acho que* e *parece que*, o recorte de análise discutido neste trabalho. Analisando a fala de Florianópolis⁵, é possível identificar usos de *acho* e *parece*, como os de (4) e (5).

- (4) Eles são muito assim, berrão, eles fazem muito escândalo, muito matraca, eles vão lavar roupa suja na rua assim, sabe? a coisa mais ridícula. *PARECE QUE* eles nem tem casa, eles vivem na frente da casa dos outros. E os do lado assim, são muito quietos e eles ficam debochando dos outros assim, sabe? SC FLP
- (5) Eu tinha que explicar melhor, não era tão, assim, como agora a mãe já libera mais ele, tal. Não sei se é porque tem outros dois mais- mais velhos, tal, né? Mas *ACHO QUE* é mais liberado do que antes, né? nesse aspecto. Mas eu saía mais tranqüilo do que ele. SC FLP

Em (4), a informante faz uma comparação entre o comportamento dos vizinhos e a ausência de uma casa, o que é codificado por *parece que*. Ao expressar sua opinião sobre a relação com os pais na sua adolescência, em (5), o falante indica que "hoje ser mais liberado do que antes" é uma opinião sua. Nesse caso, é uma opinião do falante sobre coisas que acontecem no "mundo"; no caso de *parece*, é uma constatação que o falante faz a partir do que observa no "mundo" que se coloca ao falante.

Já quando essas formas são utilizadas para indicar *dúvida*, a diferença da origem da informação não desaparece totalmente, mas o sentido mais forte, que é o de dúvida, permanece. Observe-se (6).

- (6) Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, *EU ACHO* e também fiquei em Matemática. SCFLP

A forma *acho*, em (6), marca incerteza quanto ao ano em que o informante ficou em exame de recuperação, sem enfatizar com tanto rigor como nos casos anteriores a origem da informação. Tanto que é possível intercambiar *acho* com *parece* sem que com isso ocorra desvio do sentido de dúvida pretendido, como em (7).

- (7) Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, PARECE e também fiquei em Matemática.

A questão discutida neste trabalho é como esses verbos passaram a marcar origem de informação. A seguir, a) discuto os pressupostos do paradigma funcional da gramaticalização e b) analiso a gramaticalização das formas *acho* (*que*) e *parece* (*que*)⁶ – marcadores de opinião e de percepção, respectivamente, a marcadores de dúvida – em uma comunidade socialmente estratificada (Florianópolis), enfatizando a importância da frequência de uso, como impulsionadora do processo, e de fatores de natureza social na caracterização de mudanças via gramaticalização.

1 O paradigma funcional da gramaticalização

A língua, como objeto social, está em uso. E, por estar em uso, está sujeita a constantes modificações. Para Hopper (1987), a gramática é emergente e por isso as estruturas lingüísticas não podem ser aprioristicamente definidas, nem fixas. A estrutura da língua é moldada pelo discurso: assim, quanto mais utilizada uma construção, mais ela tende a se tornar estruturada. Estudos recentes compilados por Bybee & Hopper (2000) ressaltam a importância do papel da *freqüência de uso* na formação daquilo que convencionalizamos chamar “gramática”.

Se a gramática não é fixa, como novas construções surgem na língua? Uma explicação é dada pelo paradigma funcional da gramaticalização. Meillet (1965:130-131) aponta que há duas formas de surgirem novas palavras na língua: analogia ou gramaticalização, ou seja, “a atribuição de estatuto gramatical a palavras anteriormente autônomas”. Muitos estudos depois, ainda não há consenso na definição de gramaticalização, embora a todas perpassa a idéia meilletiana de *processo e unidirecionalidade*. A unidirecionalidade do processo é devida ao fato de a mudança partir de uma categoria ou conceito concreto para o abstrato, e não ao contrário: para Heine *et alii* (1991) há gramaticalização quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Hopper & Traugott (1993:15) consideram a gramaticalização como “o processo por meio do qual itens e construções lexicais em um certo contexto lingüístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

A idéia de gramaticalização que mais vem ao encontro dos propósitos do meu estudo é a proposta por Bybee *et alii* (1994) e Bybee (2001). A gramaticalização

é caracterizada pelo aumento da frequência de uso de uma palavra ou construção, que aumenta a possibilidade/probabilidade de expansão do seu sentido, com decorrências morfossintáticas e morfofonêmicas.

Bybee defende o papel fundamental da repetição no processo de gramaticalização, que é caracterizado como o processo pelo qual uma seqüência de morfemas ou palavras freqüentemente utilizada torna-se automatizada como uma única unidade no processamento. A freqüência de uso pode ser considerada como a desencadeadora de todo o processo, afetando a fonologia e a semântica por promover mudança, e também a morfossintaxe, por assegurar a preservação de uma forma anterior.

As mudanças fonológicas que ocorrem em construções que estão passando por gramaticalização, como a fusão e a redução, são impulsionadas pela sua alta frequência de uso. Morfemas ou construções com alta frequência de uso sofrem mudança de som a uma velocidade mais rápida do que palavras ou construções com baixa frequência de uso. Uma possível explicação é que a segunda repetição é significativamente mais curta do que a primeira; é o que apontam Fowler & Housun (1987, *apud* BYBEE, 2001).

A perda da clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização leva à ampliação do seu contexto de uso. Um dos mecanismos mais atuantes no processo de gramaticalização é o *esbranqueamento semântico* ou *generalização*, por meio do qual características específicas do sentido vão sendo perdidas. E a autonomia de uma expressão freqüente cristalizada na língua condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas (é o caso de *tomara* e *quisera*, por exemplo, marcadores volitivos que têm fossilizada a marca temporal de pretérito mais que perfeito).

O papel da frequência de uso na gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* marcadores de dúvida na fala de Florianópolis

2 O papel da frequência de uso na gramaticalização

A frequência de uso vem sendo utilizada como um forte argumento empírico para confirmar processos de gramaticalização. Para ilustrar o papel da frequência de uso na gramaticalização, tome-se o caso de *I think* e *I guess* no inglês. Thompson & Mulac (1991) analisaram a gramaticalização de expressões epistêmicas em epistêmicas parentéticas. Observe-se:

(8)

1. I think that we're definitely moving towards being more technological.
2. I think \emptyset exercises is really beneficial, to anybody.
3. It's just your point of view you know what you like to do in your spare time, *I think*?

Para Thompson & Mulac, em (8), os exemplos 2 e 3 são versões gramaticalizadas de 1. As evidências sugerem que as construções sujeito + verbo ocorrendo sem complementizador são reanalisadas pelos falantes como expressões epistêmicas, que têm liberdade sintática, funcionando semelhantemente a outras expressões epistêmicas, como *maybe*. A mudança

de *I think* envolve a combinação perifrástica de sujeito + verbo, tornando-os um só elemento, o qual se comporta como um elemento da categoria advérbio. *I think* ilustra o processo de gramaticalização comparável ao exemplo discutido em Heine e Reh (1984): um núcleo ou elemento cabeça é reanalisado como um elemento dependente. Não há evidências históricas que permitam afirmar que essa alteração sincrônica sujeito + verbo tenha equivalente diacrônico. Segundo Hopper (1996), *I think* tem assumido, no inglês vernacular, estatuto mais gramatical como um evidencial⁸.

A hipótese inicial de Thompson & Mulac era de que haveria relação entre a frequência de uso e o aparecimento na gramática. Para justificar a mudança descrita, Thompson & Mulac recorrem aos dados quantitativos. Dos dezoito verbos que poderiam desempenhar a função de epistêmico parentético, com exceção de *guess*, nenhum ocorreu mais do que três vezes. Para justificar a predominância de *think* e *guess*, Thompson & Mulac evocam o princípio da especialização⁹: a função de um elemento gramaticalizado se estreita, o que faz com que a variedade de formas para expressar a mesma função se estreite. *Think* e *guess* são também os verbos mais frequentes a ocorrer sem complementizador. As condições de frequência para gramaticalização são favoráveis: os dois verbos mais frequentes são também os mais frequentes quando ocorrem sem complementizador. Os sujeitos frequentes dos verbos ocorrendo com e sem complementizador também são os mesmos: *I* e *you*. O sujeito mais frequente a ocorrer com verbos epistêmicos sem complementizador é *I*; o verbo mais frequente a ocorrer sem complementizador é *think*; pode-se dizer então que *I think* é significativamente mais possível de ocorrer do que todas as outras combinações e que pode estar se gramaticalizando como um epistêmico parentético e, de acordo com Thompson & Mulac, pertencer a uma subcategoria gramatical adverbial. Thompson & Mulac concluem que epistêmicos parentéticos, no inglês, são formas gramaticalizadas de sujeito + verbo introduzindo cláusula complemento. As formas foram reanalisadas como semelhantes a advérbios parentéticos (semelhantes a *maybe*). A hipótese de frequência de uso no discurso e surgimento na gramática foi comprovada com dados quantitativos.

3 A gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis

Para evidenciar a gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis, foram utilizadas amostras de fala de 36 entrevistas do Banco de Dados Varsul, referentes à cidade de Florianópolis, estratificadas de acordo com o perfil social dos entrevistados, com dois informantes de cada sexo para cada faixa etária e faixa de escolarização. As ocorrências levantadas no *corpus* analisado foram quantificadas considerando a função discursiva que *acho* e *parece* desempenham, e correlacionadas a fatores lingüísticos e sociais que podem estar influenciando na sua gramaticalização.

Observando a distribuição dos dados na tabela 1, é possível formular expectativas quanto à frequência de uso e a gramaticalização: *acho* (712 ocorrências, ou 85,2%) é muito mais recorrente do que *parece* (124 ocorrências, ou 14,8%), e por isso, possivelmente muito mais gramaticalizado, pois de acordo

com a hipótese de frequência de uso e gramaticalização de Bybee (2001), quanto mais freqüente uma construção, mais chances ela teria de se gramaticalizar. Para verificar a validade da hipótese, é preciso correlacionar as formas às funções discursivas que elas desempenham no discurso. Porém, há que se considerar os resultados diacrônicos encontrados por Gonçalves (2003)¹⁰: dentre as três formas analisadas – *achar*, *parecer* e *crer* – a forma mais gramaticalizada é *parecer* e a mais resistente à mudança é *achar*.

Tabela 1 – Recorrência de *acho* e *parece* quanto às funções discursivas.

	<i>Acho</i>		<i>Parece</i>		<i>Total</i>	
<i>Marcador de opinião</i>	382	99%	2	1%	384	46%
<i>Marcador de percepção</i>	0	0%	22	100%	22	51%
<i>Marcador de dúvida</i>	330	77%	100	23%	430	3%
<i>Total</i>	712	85,2%	124	14,8%	836	100%

O contínuo de gramaticalização proposto é que as funções *marcador de opinião*¹¹ e *marcador de percepção* são as instâncias iniciais, mais concretas. Para essas formas, os dados apontam a correlação entre função e forma: a função *marcador de opinião* é desempenhada pela forma *acho*, salvo em duas exceções em que ocorre *parece + me*. E a função *marcador de percepção* é desempenhada pela forma *parece*. Já a função *marcador de dúvida*, a instância mais abstrata no contínuo proposto, as duas formas podem desempenhar a mesma função.

A função *marcador de dúvida* é tanto desempenhada pela forma *acho* como pela forma *parece*. Das 430 ocorrências, *acho* responde por 77%, ou seja, 330 ocorrências, e *parece*, 23%, ou 100 ocorrências. Essa é a função mais recorrente no *corpus* analisado: são 51% (430 ocorrências), contra 46% (384 ocorrências) da função *marcador de opinião* e apenas 3% (22 ocorrências) de *marcador de percepção*.

Retomando a frequência de uso, a função *marcador de opinião*, para *acho*, soma 382 dados contra 330 dados da função *marcador de dúvida*; para *parece*, há 22 dados da função *marcador de percepção* contra 100 de *marcador de dúvida*. A frequência de uso de *parece*, na função *marcador de dúvida*, é muito maior do que a de *acho* (para *parece*, a relação é de 5:1, ou seja, para cada 5 ocorrências de *parece* *marcador de dúvida* há uma ocorrência de *parece* *marcador de percepção*; para *acho*, a relação é aproximadamente de dum para um, ou seja, a cada ocorrência de *acho* *marcador de dúvida*, há uma ocorrência de *acho* *marcador de opinião*), que, em valores absolutos, é mais recorrente no *corpus*, pois para cada oito ocorrências de *acho* há uma ocorrência de *parece*. Por que *parece* tende mais a ser usado que *acho* na função *marcador de dúvida*? A resposta é diacrônica: conforme aponta o estudo de Gonçalves (2003), que constatou que a unidirecionalidade do processo de gramaticalização de *parecer* se confirma, do uso original latino ao português atual e que as três formas verbais analisadas – *achar*, *crer* e *parecer* – não estão gramaticalizadas no mesmo grau: a forma *parecer* sobressai das demais, possivelmente devido às suas propriedades sintático-semânticas.

Apesar das suas diferenças, *acho* e *parece* andam lado a lado no processo de gramaticalização: a ocorrência de *acho* é mais freqüente e a de *parece* é mais provável. A forma *acho* é mais freqüente porque computa 85,2% das ocorrências nas funções *marcador de opinião* e *marcador de dúvida*; especificamente na função *marcador de dúvida*, sua freqüência é de 77%. Já a forma *parece* tem mais probabilidade de ocorrer na função *marcador de dúvida* do que na função *marcador de percepção*, pois para cada ocorrência de *parece* *marcador de percepção* há cinco ocorrências de *parece* *marcador de dúvida* (no total, 22 ocorrências contra 100).

A freqüência de uso indicia a gramaticalização de *acho* e *parece* como *marcadores de dúvida*: a função é a que mais computa ocorrências, possibilitando a expansão do seu contexto de uso, de acordo com as hipóteses para freqüência de uso e gramaticalização, postuladas por Bybee (2001).

3.1 A ordem

Os verbos *achare* *parecer* + complementizador ocupam a preferencialmente a posição inicial da frase, assim como *acho* e *parece* nas funções *marcador de opinião* e *percepção*, que são as funções em instâncias iniciais de gramaticalização. Quando as formas são reanalisadas e passam a desempenhar a função *marcador de dúvida*, é de se esperar que elas se comportem do mesmo modo que outros itens prototípicos da função (assim como os advérbios de dúvida, como *talvez*), adquiram maior liberdade sintática e ocupem outras posições dentro da frase.

As possibilidades de posicionamento de *acho* e *parece* dentro da frase são ilustradas nos exemplos que seguem:

- (9) *posição inicial*
 E: E qual a diferença do Avaí para o Fluminense?
 F: Figueirense.
 E: Figueirense.
 F: Ah, não sei. Ah! Eu ACHO QUE é a realidade que tem nos dois, né?
 E: Rivalidade? Mas não tem que não é time de elite outro é time de morro, não é? SC FLP
- (10) *após adjunto adverbial deslocado*
 Tem primos que são burros pra caramba, pô! Um tem dezesseis anos, está no primário, outro ainda dá pra levar, tem quinze anos está na sétima. Eu acho que o único que não rodou fui eu ainda. Na família toda eu ACHO QUE o único que não rodou fui eu, não fui eu. SC FLP
- (11) *entre sujeito e verbo*
 Aí ela ficou com três filhos. Pelo que eu sei ela tinha três filhos, né? se são dele, se não são, não sei. Só sei que ela tinha três filhos. Mas dizem que a família dele PARECE QUE não gostavam dela. Parece que era um negócio assim. SC FLP

- (12) *entre verbo e objeto*
Eu estou até com um problema que eu até não conversei nada com ninguém. Porque eu sou uma pessoa que sofro calada. A gente está tentando ajudar uma família, eles têm, PARECE QUE seis filhos. Não vou dizer o total porque o total eu não sei.
- (13) *final*
É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams, eu ACHO. E de quem fizeram a organização do GP, eu ACHO. SC FLP

Controlar a posição que *acho* e *parece* ocupam na frase pode ajudar a definir em que instância de gramaticalização se encontram as formas. Também pode dar pistas quanto ao escopo da reanálise dos *marcadores de percepção* e *de opinião* em *marcadores de dúvida*: deve haver correlação entre a posição e a presença/ausência de complementizador.

Quanto mais avançam no processo de gramaticalização, mais mobilidade sintática *acho* e *parece* devem adquirir para posteriormente fixarem-se. Assim, da posição mais à direita (*inicial*) que ocupam quando desempenham as funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção* (e em que o complementizador está presente), devem passar para posições intermediárias (*entre sujeito e verbo*, *entre verbo e objeto*, *após adjunto adverbial deslocado*) quando as formas desempenham a função de *marcador de dúvida*. A *posição final* deve ser o ambiente mais propício para que *acho* e *parece* ocorram sem complementizador e desempenha a função de *marcador de dúvida*. As constatações de Galvão (1999)¹² e de Gonçalves (2003), por sua vez fundamentadas em Thompson & Mulac (1991) dão suporte para essa hipótese. A posição final é a posição onde ocorre *I think* com a função de epistêmico parentético. Galvão (1999) encontrou 31 ocorrências de *acho* ocupando essa posição, dentro de 302 ocorrências do verbo *achar*. As ocorrências de *acho* e *parece* quanto à posição e à função discursiva se distribuem conforme apresentado na tabela 2.

É na posição inicial que se concentra a maior parte das ocorrências de *acho* (551 ocorrências, o equivalente a 89% das ocorrências de *acho* e *parece* na posição inicial) e também de *parece* (70 ocorrências, o equivalente a 11% das ocorrências de *acho* e *parece* na posição inicial). Deve haver correlação entre a *posição inicial*, a esperada para a combinação de verbo + complemento oracional, e as funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção*. Já quanto à função *marcador de dúvida*, a mobilidade sintática seria o meio de aproximar *acho* e *parece* de *talvez*, o marcador de dúvida prototípico.

A correlação dos resultados da *função discursiva* e *posição* confirma a hipótese de que a *posição inicial* é a preferida para a ocorrência de *acho* desempenhando a função discursiva de *marcador de opinião*, com 92% do total (ou seja, 349 ocorrências). Já para a forma *parece* a hipótese não pode ser confirmada se tomarmos como referência os valores absolutos, pois é na

função *marcador de dúvida* que se concentra a maioria das ocorrências da forma. Em valores absolutos, *parece* contabiliza 16 ocorrências, de um total de 21, na posição inicial quando desempenha a função *marcador de percepção*. Quando desempenha a função *marcador de dúvida*, *parece* contabiliza 52 ocorrências, de um total de 100, na posição inicial. Porém, em termos de percentuais, há 76% de ocorrências de *parece* na posição inicial desempenhando a função de *marcador de percepção* contra 52% na posição inicial desempenhando a função de *marcador de dúvida*.

Em valores percentuais, a forma *parece* apresenta mais um indício de que está mais gramaticalizada do que *acho*: apresenta 17% das suas ocorrências na posição final, enquanto *acho* totaliza 10%.

Também é comprovada a hipótese de que *acho* e *parece* adquirem maior mobilidade sintática quando desempenham a função discursiva de *marcador de dúvida*. Quando as formas desempenham as funções de *marcadores de opinião* e de *percepção*, o percentual de ocorrência em outras posições que não a inicial oscila entre 0 e 9% para *parece* e 0% e 3% para *acho*. Já quando as formas desempenham a função *marcador de dúvida*, o percentual de ocorrência em outras posições sobe para 4% a 17% para *parece* e 8% a 12% para *acho*.

Com o avanço do processo de gramaticalização, é provável que *acho* e *parece* fixem-se na posição final conforme as evidências já constatadas por Galvão (1999) e Gonçalves (2003), e pelos próprios dados encontrados em Florianópolis.

3.2 O entorno

Considerar o ambiente lingüístico em torno de *acho* e *parece* pode fornecer indícios da sua gramaticalização. A presença de material interveniente entre *acho* e *parece* e o complementizador é um fator a ser controlado. Para ter evidências empíricas da reanálise de verbo + complementizador como uma única estrutura seria necessário realizar uma análise acústica, caso a caso. Como isso inviabiliza a pesquisa, resta testar procedimentos que possam “dar pistas” da reanálise. Uma dessas pistas pode ser o controle da presença de material interveniente entre os dois elementos que sofrem reanálise, o verbo e o complementizador.

Quanto menos ocorrência de material interveniente, mais evidências da reanálise e gramaticalização de *acho* e *parece*. E, se há ocorrência de material interveniente, é esperado que seja em contextos em que as formas desempenham as outras funções que não a de *marcador de dúvida*, ou seja, *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, em instâncias mais iniciais do contínuo de gramaticalização. Há três possibilidades para a ocorrência de material interveniente: *ausência de material interveniente*, *material interveniente leve* e *material interveniente pesado*. Rotulei de *material interveniente pesado*: “assim”, “também”, “pra mim”, “ainda”; e *material interveniente leve*: “até”, “só”. Os exemplos que seguem ilustram as ocorrências de material interveniente leve e pesado.

(14) *Material leve*

O meu irmão também está se esforçando bastante, né? Então PARECE até QUE tem trabalho pra mais um ano ali, ou até mais. Então depois de terminar essa fase, né? de eu ter que fazer a transcrição de texto, talvez eu vá pra ADN pra trabalhar com a criação de artes, né? alguma criação de alguma empresa que queira criar um logo, é um logotipo. SC FLP

(15) *Material pesado*

Português foi e teve sempre. Sempre teve português. Português, matemática sempre acompanharam no curso profissionalizante, né? mas eu ACHO também QUE não estavam bem preparados. Até o último ano, o terceiro ano que eu concluí no Aderbal, a professora, ela era uma estudante também.

As ocorrências de *acho* e *parece*, quanto à presença/ausência de material interveniente e à função discursiva, distribuem-se como ilustrado na tabela 3.

A leitura horizontal da tabela 3 aponta que a ausência de material interveniente predomina: são 809 ocorrências sem material interveniente (691 de *acho* e 118 de *parece*) contra 27 ocorrências com material interveniente (21 de *acho* e 6 de *parece*). Na função *marcador de opinião*, há 365 ocorrências sem material interveniente, contra 19 ocorrências com material interveniente. A função *marcador de percepção* conta com 18 ocorrências de ausência de material interveniente contra 4 ocorrências de presença. Já na função *marcador de dúvida* a diferença é menor 426 ocorrências sem material interveniente contra apenas 3 ocorrências com presença. A função mais gramatical, que é a de *marcador de dúvida*, é a que apresenta menos ocorrências de material interveniente, confirmando a hipótese levantada.

Quanto ao ‘peso’ do material interveniente, dada a baixa recorrência no *corpus* analisado (apenas 27 ocorrências), não é possível postular nenhuma hipótese. São 15 ocorrências de material interveniente ‘leve’ contra 12 de material interveniente ‘pesado’.

3.3 A faixa etária

Não é usual ao aparato teórico-metodológico do paradigma funcional da gramaticalização considerar a influência de fatores sociais sobre o processo de gramaticalização. Porém, considerá-los pode fornecer pistas de como a mudança se deu na língua, ou seja, podemos descobrir o perfil de quem começou a utilizar “velhas formas com novas funções”. A faixa etária pode trazer indícios da mudança via gramaticalização, conforme apontam os resultados de estudos já realizados, inclusive na fala de Florianópolis. Tavares (1999), ao estudar as estratégias de seqüenciação retroativo-propulsora, constatou que a forma *daí* é usada por indivíduos mais jovens, ao passo que as outras formas (*aí*, *então*, *e*) são usadas por indivíduos mais velhos. Essas preferências seriam um indício de que há mudança: uma forma, por hipótese, mais recentes (*daí*), sendo usada preferencialmente em detrimento de formas mais antigas (*aí*, *então*, *e*) (TAVARES, 1999:161). Gorski et

Tabela 3 – Cruzamento entre a função discursiva de *acho* e *parece* e a presença/ ausência de material interveniente.

O papel da frequência de uso na gramaticalização de *acho* (*que*) e *parece* (*que*) marcadores de *dúvida* na fala de Florianópolis

	Marcador de opinião		Marcador de percepção		Marcador de dúvida		Total							
	Acho	Parece	Acho	Parece	Acho	Parece	Acho	Parece						
	Freq.	Parc.	Freq.	Parc.	Freq.	Parc.	Freq.	Parc.						
Ausência	365	100%	0	0%	18	100%	100	23%	691	85%	118	15%		
Material leve	10	91%	1	9%	1	100%	3	100%	0	0%	13	87%	2	13%
Material pesado	7	88%	1	13%	3	100%	1	100%	0	0%	8	67%	4	33%
Total	382	100%	2	100%	21	100%	330	100%	100	100%	712	85%	124	15%

alii (2002) também constata a influência da faixa etária no processo de gramaticalização de *sabe?* e *entende?*, e *olha* e *veja*. Também Androutsopoulos (1999) constata que a emergência de formativos nominais no alemão se dá predominantemente na fala do grupo etário mais jovem, enquanto a sua ocorrência é rara ou totalmente ausente na fala de grupos etários mais velhos.

Assumindo a hipótese de que a faixa etária pode indiciar a gramaticalização, dando pistas do início de instâncias do processo, passe-se às formulações específicas para *acho* e *parece*, de *marcadores de opinião* e *percepção* a *marcadores de dúvida*.

No contínuo de gramaticalização, as funções de *marcador de opinião* e de *marcador de percepção* estão em instâncias mais iniciais do que a função de *marcador de dúvida*. Se há correlação entre as instâncias de gramaticalização e a sua entrada na língua, é provável que as funções de *marcador de opinião* e de *marcador de percepção* tenham entrado na língua primeiro do que a função de *marcador de dúvida*. Um indício da ordem de entrada das funções na língua seria a estratificação das funções de acordo com as faixas etárias dos falantes. Se isso for verdade, as funções em instâncias mais iniciais do processo de gramaticalização - *marcador de opinião* e *marcador de percepção* - apareceriam em todos os grupos etários de falantes, ao passo que a função de *marcador de dúvida*, em instância mais avançada no processo de gramaticalização, apareceria predominantemente na fala de grupos etários mais jovens. Assim, as relações esperadas seriam *parece* > *marcador de percepção* > *todos os grupos etários*, *acho* > *marcador de opinião* > *todos os grupos etários* e *acho/parece* > *marcador de dúvida* > *grupos etários mais jovens*.

Os informantes utilizados para caracterizar a gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis estão divididos em três grupos etários: de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos e com mais de 50 anos. A recorrência de *acho* e *parece* quanto à faixa etária e à função discursiva está disposta na tabela 4.

Para a função de marcador de dúvida, a expectativa de que seu uso predominasse nas faixas etárias mais jovens se confirma. Do total, 203 ocorrências de *acho* e 40 de *parece* são na faixa etária mais jovem, de 15 a 24 anos. O restante das ocorrências se divide equilibradamente entre as outras duas faixas etárias: 58 ocorrências de *acho* e 37 de *parece* são na faixa etária intermediária, de 25 a 49 anos, e 69 ocorrências de *acho* e 23 de *parece* são na faixa etária mais velha, formada por falantes com mais de 50 anos.

Também se confirma a expectativa para a função de marcador de opinião, de que seu uso estaria distribuído por todas as faixas etárias. Das 384 ocorrências, 46% (o equivalente a 179 ocorrências) são na faixa etária mais velha, constituída por falantes com mais de 50 anos. O restante das ocorrências também está distribuído equilibradamente, desta vez entre as faixas etárias mais jovens, com 27% (o equivalente a 103 ocorrências) na faixa etária intermediária, constituída por falantes entre 25 a 49 anos, e também 27% (o equivalente a 102 ocorrências) na faixa etária mais jovem, constituída por falantes entre 15 a 24 anos.

Já o comportamento da função de marcador de percepção não corresponde às expectativas. Há que se ressaltar, novamente, o reduzido número de ocorrências.

Tabela 4 – Recorrência de acho e parece quanto à faixa etária dos falantes.

	Marcador de opinião		Marcador de percepção		Marcador de dúvida		Total									
	Acho	Parece	Acho	Parece	Acho	Parece	Acho	Parece								
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.								
15 a 24 anos	102	100%	0	0%	11	100%	203	84%	40	16%	305	86%	51	14%		
25 a 49 anos	101	98%	2	2%	0	0%	10	100%	58	61%	37	39%	159	76%	49	24%
Mais de 50 anos	179	100%	0	0%	0	0%	1	100%	69	75%	23	25%	248	91%	24	9%
Total	382	99%	2	0%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%	712	85%	124	13%

O papel da frequência de uso na gramaticalização de *acho* (*que*) e *parece* (*que*) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis

4. Considerações sobre a gramaticalização de *acho* e *parece*

O contínuo estabelecido para a gramaticalização de *acho* e *parece* como marcadores de dúvida, por hipótese, está representado na figura 1.

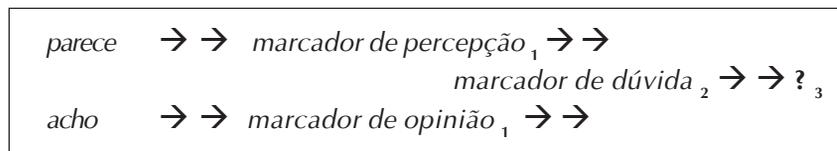


Figura 1 – Contínuo proposto para a gramaticalização de *acho* e *parece*:

A primeira instância do contínuo compreende as funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*. Existe correlação entre função e forma: *acho* > *marcador de opinião* e *parece* > *marcador de percepção*. A característica prototípica dessa instância é o posicionamento inicial, tanto para *marcador de opinião* como para *marcador de percepção*. O uso de *marcadores de opinião* se dá por falantes de todas as faixas etárias. Não é possível traçar o perfil prototípico dos *marcadores de percepção* dada a sua baixa recorrência no *corpus* analisado, mas é provável que a tendência seja a mesma do que para *marcadores de opinião*.

Marcadores de dúvida possivelmente são resultado da expansão do contexto de uso dos *marcadores de opinião* e *de percepção*, já que as formas que codificam essa função são tanto *acho* quanto *parece*, formas prototípicas das funções da instância anterior. Ou seja, as duas formas estão disputando o estatuto de protótipo da função¹³. É a função mais recorrente no *corpus* analisado. A reanálise do verbo + complementizador em uma única estrutura está mais automatizada do que nas outras funções, indiciada pela baixíssima recorrência de material interveniente entre os dois. *Marcadores de dúvida* têm maior liberdade sintática, passam a ocupar outras posições dentro da frase.

Qual é a próxima instância do contínuo de gramaticalização? O que acontece depois da instância em *acho* e *parece* disputam o estatuto de protótipo da função *marcador de dúvida*? Existem duas possibilidades: a *especialização* ou a *sobreposição* das formas. No caso de *especialização*, após a instância de variação, cada uma das formas tenderia a seguir um caminho, ou seja, *acho* se especializaria em uma função, utilizada em determinado contexto discursivo, e *parece* se especializaria em outra, utilizada em contexto discursivo distinto. Já no caso de *sobreposição*, a forma mais recorrente - *acho* - tenderia a predominar sobre a outra forma na função de *marcador de dúvida*, possivelmente ampliando ainda mais seu contexto discursivo de uso, de modo a recobrir possíveis especificidades do uso de *parece*. Como já especifiquei na introdução, acredito que *acho* e *parece* estão em um contínuo de gramaticalização cujo alvo é a evidencialidade e modalidade epistêmica de incerteza e dúvida. Assim, *acho* e *parece*, na próxima instância, passariam a desempenhar a função de *marcadores de dúvida quanto à origem da informação*. Acredito que a variação entre as duas formas no desempenho da função de *marcador de dúvida* é um estágio transitório

da mudança pela qual *acho* e *parece* passam, de verbos + complemento oracional a marcadores de origem da informação (evidenciais). Para constatar essa hipótese, é necessário expandir o *corpus* de análise do fenômeno.

Será mesmo que *acho* e *parece* estão se gramaticalizando? Os princípios estabelecidos por Hopper (1991) também se verificam:

- **Estratificação**: Se a gramática é emergente, novas formas emergem continuamente para desempenhar uma função sem que isso signifique que as formas já existentes tenham que desaparecer. Pelo contrário, é possível que as formas coexistam e concorram por um período de tempo, pequeno ou grande. Especificamente no caso de *acho* e *parece*, o item prototípico para *marcador de dúvida* é o advérbio *talvez*. Analisando apenas duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos) do *corpus* em questão, constatei que havia 75 ocorrências de *talvez* (FREITAG, 2001). Retomando os números: nessas faixas etárias, há 265 ocorrências de *marcadores de dúvida*, distribuídas da seguinte maneira: 75 ocorrências, ou 28% de *talvez*, 60 ocorrências, ou 23% de *parece* e 127 ocorrências, ou 49% de *acho*. Isso significa que a forma *talvez* não está morta; está concorrendo com *acho* e *parece* no desempenho da função marcador de dúvida. A estratificação de Hopper então se confirma.
- **Divergência**: Quando uma forma se gramaticaliza, a forma lexical original permanece autônoma e pode sofrer mudanças como itens lexicais comuns. Há outro tipo de *achar* identificado por Galvão (1999) – *achar X* –, que não está incluído no contínuo de gramaticalização que ela propõe. *Achar X* corresponde à realização “E se eles acharem de não pagar o hotel?” e que, segundo Galvão, estaria rumando a verbo-vetor, que é tipo de ‘quase-auxiliar’ (GALVÃO, 1999, p. 147). A *divergência* é mais um princípio que se verifica.
- ou **Especialização**: A gramaticalização reduz a possibilidade de escolha e um número reduzido de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Para verificar o princípio de especialização, é preciso resolver o problema da instância 4, ou seja, se as formas vão se especializar em funções diferentes ou se uma delas vai predominar sobre a outra. Uma abordagem variacionista pode dar pistas da possibilidade de especialização das formas.
- ou **Persistência**: Quando uma forma sofre gramaticalização alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Para averiguar a validade desse princípio, é preciso detalhar o contexto de variação das formas quando desempenham a função de *marcador de dúvida*.
- **Decategorização**: a gramaticalização sempre mudança categorial e segue na seguinte direção: nome e verbo > outra categoria, não o contrário. Assumindo as definições de Hopper & Traugott (1993) para categorias, *categorias maiores*, ou menos gramaticais, são as formadas por nomes e verbos, e *categorias menores*, ou mais gramaticais, são as

compreendidas por conjunções, verbos auxiliares, pronomes e demonstrativos. Adjetivos e advérbios compreenderiam um grau intermediário, e poderiam muitas vezes derivar de verbos e nomes. O comportamento de *acho* e *parece* quando desempenham a função de *marcadores de dúvida* está muito próximo de itens da categoria advérbio, dada a relativa mobilidade sintática que passam a dispor. Assim, a mudança é de verbo + complementizador a advérbio, assegurando a unidirecionalidade do processo, que caracteriza o princípio da decategorização.

5 Novos rumos

A língua em uso está sujeita a mudanças. Assumindo esse mote, não se pode dizer que uma análise de um fenômeno de mudança lingüística está encerrada. Reporto-me ao princípio de Hopper (1991) da *especialização* diz respeito à redução da possibilidade de escolha e um número reduzido de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Essa questão ficou pendente quando foi tratada na verificação da gramaticalização de *acho* e *parece* como marcadores de dúvida. Novas análises são necessárias para verificar se o problema se resolve: se as formas irão se especializar em funções diferentes ou se uma delas irá predominar sobre a outra. Uma abordagem variacionista poderia dar pistas da possibilidade de especialização ou sobreposição das formas.

Abstract

This paper presents a functional approach of grammaticalization of *acho (que)* – judgement marker – and *parece (que)* – perception marker – to doubt markers. Data of speech of Florianópolis's speakers are analyzing for show the path of change.

Keywords: Grammaticalization; Change; Frequency of use.

Notas

- ¹ Nuyts (1992, *apud* Galvão 2002)
- ² Anderson (1986 *apud* Galvão 2002) e De Haan (1997 *apud* Galvão 2002).
- ³ Extraído de Dall'Aglio-Hattner *et alii* (2001, p. 1). Grifo dos autores.
- ⁴ Extraído de Dall'Aglio-Hattner *et alii* (2001, p. 1)
- ⁵ Os dados de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis foram extraídos do *corpus* do Banco de Dados Varsul. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis).
- ⁶ A partir deste ponto, *acho* e *parece*.
- ⁷ Quadro extraído de Thompson & Mulac, 1991, p. 313.
- ⁸ A questão quanto à terminologia do estatuto de *I think* é bastante complexa. Há artigos em que a construção figura como epistêmico parentético, em outros, como evidencial. E no mesmo artigo (Thompson & Hopper, 2000), é tratada como epistêmico parentético e como evidencial.
- ⁹ Ver seção 4, que trata dos princípios de gramaticalização incipiente propostos por Hopper (1991).
- ¹⁰ Gonçalves (2003) analisa o verbo *parecer* sincrônica e diacronicamente. Quanto à análise sincrônica, do ponto de vista sintático, o verbo, de organizador de uma predicação (*parecer1*), passa completamente

para fora dela (parecer⁵). Do ponto de vista semântico, os significados baseados em uma situação externa (parecer^{2,3}) passam a significados numa situação interna (avaliativa, perceptual, cognitiva) (parecer²), que, por sua vez passam a significados cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante (parecer^{3,4,5}).

Diacronicamente, do século XIII ao século XX, a maior variação sintático-semântica do verbo *parecer* se dá no período entre os séculos XVI e XVIII. A partir do século XVI já se pode reconhecer todas as funções atualmente desempenhadas por *parecer*.

Comparando com outras duas formas verbais com comportamento semelhante – *achare crer* – destaca-se o seguinte: como *parecer*, *achare crer* também se desenvolvem a partir de formas lexicais, altamente frequentes; em relação a *crere parecer*, *achar* é mais resistente à mudança, já que sua forma como verbo pleno persiste por todos os séculos; além disso, *parecer*, *achare crer* aparentemente estão na mesma trajetória de mudança desde muito cedo, já que permitem encaixamento de conteúdos proposicionais, o que assinala, ainda que não muito explicitamente, as atitudes subjetivas do falante (p. 187).

Como conclusões da análise diacrônica, Gonçalves resume (p. 193): a) a unidirecionalidade do processo de gramaticalização de *parecer* se confirma, do uso original latino ao português atual; b) as três formas verbais analisadas – *achar*, *crere* e *parecer* – não estão gramaticalizadas no mesmo grau. A forma *parecer* sobressai das demais, possivelmente devido às suas propriedades sintático-semânticas. A análise das formas *achar*, *crere* e *parecer* permite hipotetizar que verbos epistêmicos encaixadores de proposição (verbos de atitude proposicional) têm vocação para mudar de categoria gramatical, e passar a desempenhar a como parentéticos de natureza adverbial.

¹¹ Reporte-se à introdução.

¹² O verbo *achar* foi explorado por Galvão (1999), que identificou cinco diferentes tipos de *achar* no português contemporâneo do Brasil. Segundo Galvão, o verbo “*achar* encontra-se em processo de gramaticalização, à medida que um item lexical, verbo pleno, com o significado de encontrar, influenciado por mecanismos metafóricos e metonímicos, dá origem a novos usos no domínio da modalidade – mais gramaticais –, e assume funções diferentes da de origem, comportando-se como ora (*sic*) um verbo modal epistêmico ora como (*sic*) uma espécie de advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo (*op. cit.* p. 145-146).”

¹³ Essa disputa é mais detalhada na seção destinada justamente à análise da variação de *acho* e *parece* no desempenho da função *marcador de dúvida*.

Referências bibliográficas

ANDROUTSOPOULOS, J. *Grammaticalization in young people's language: the case of german*. Disponível em http://www.rzuer.uni_heidelberg.de/~iandROUT/papers/gramm.html. Acessado em 12/06/2000.

BYBEE, J., PERKINGS, R, PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: B. Joseph, R. Janda (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____, HOPPER, P. (Eds.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

DALL'AGLIO-HATTNER, M., GASPARINI-BASTOS, S., GONÇALVES, S., CASSEB-GALVÃO, V. *Modalidade e evidencialidade: estratégias de descomprometimento*. Marília, 2001. [hand-out de comunicação coordenada do 49º GEL]

FREITAG, R. *Estratégias de modalização epistêmica na fala dos florianopolitanos: talvez vs. (eu) acho (que)*. In: Anais do IV Encontro do CELSUL, 2001. [cd-rom].

_____. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de*

- Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2003. [dissertação de mestrado]. Disponível em <http://150.162.90.250/teses/PLLG0275.pdf>
- GALVÃO, V. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Campinas: Unicamp, 1999. [dissertação de mestrado]
- _____. *Aspectos de um estudo funcionalista da modalidade evidencial*. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anias_con2int-cc53.pdf. Acessado em 17/12/2002.
- GONÇALVES, S. *Gramaticalização de parece que*. Campinas: Unicamp, 1999. [projeto de doutorado].
- _____. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2003. [tese de doutorado]
- GORSKI, E. *et alii. Variação e mudança de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes*. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, 1999. [Projeto integrado de pesquisa]
- HEINE, B., REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- _____, CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, n. 13. 1987. p. 139-157.
- _____. *On some principles in the grammaticalization*. In: E. Traugott, B. Heine (eds.), 1991. p. 17-35
- _____, TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. 6ª ed. Paris: Librairie Honoré Champion Éditeur. 1965.
- PALMER, F. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. [reimpressão de 1995]
- TAVARES, M. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores*. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 1999. [dissertação de mestrado].
- THOMPSON, S. MULAC, A. *A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenteticals in English*. In: E. Traugott, D. Heine (eds.), 1991. p. 313-329
- _____, HOPPER, P. *Transitivity, clause, and argument structure: evidences from conversation*. In: J. Bybee & P. Hopper (eds.) 2000. p. 27-60.